

CULTURA, POLÍTICA E ESPAÇO URBANO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE TRANSFORMAÇÕES NOS LUGARES DA CIDADE (UBERLÂNDIA 1960-2000)

Renato Jales Silva Junior¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender como se transformaram os modos de viver na cidade de Uberlândia durante os anos de 1960 a 2000. Para a compreensão destas transformações analisamos as intervenções promovidas a partir do bairro Bom Jesus, interpretando-o não como espaço, mas como território constituído a partir das relações sociais construídas em seu interior e em relação com a cidade. Evidencia-se que os projetos hegemônicos implementados a partir deste processo foram de diversas formas questionados pelos moradores desta cidade no seu fazer-se diário como sujeitos, que com outras estratégias lutaram pelos seus interesses colocando outros valores em disputa.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade – Cultura - Sujeitos Sociais.

ABSTRACT

This article aims to understand how it transformed the ways of living in the city of Uberlândia during the years 1960 to 2000. In order to understand these changes analyze the interventions promoted from the Bom Jesus neighborhood, interpreting it not as a place but as territory constituted based on social relations built inside and in relationship with the city. It is clear that the hegemonic projects implemented from this process were in many ways challenged by residents of this city in their make up daily as subjects, as with other strategies have fought for their interests putting other values in dispute.

KEYWORDS: City - Culture - Social Subjects.

Início este diálogo com o leitor e com os vários sujeitos ouvidos parte este artigo apresentando, de forma geral, o meu tema e, no decorrer desta apresentação, como ele se desenrola no chão “social” (CRUZ, 1994, p. 07) da pesquisa. Busco, aqui, refletir sobre mudanças vividas pela população de Uberlândia que levaram a construção de um conjunto de avenidas que passam a cruzar a cidade em várias direções, dando um aspecto veloz aos seus lugares centrais. Ao mesmo tempo, procuro entender como estas intervenções são reelaboradas pelos muitos trabalhadores que utilizam estes lugares para suas moradias, trabalho, lazer, enfim, pelos que constroem laços e sociabilidades. Estes diferentes usos da cidade, amalgamados com as experiências do tempo presente, trazem as primeiras questões sobre como homens e mulheres, no seu fazer cotidiano, intervêm no fazer-se da cidade e constroem sentidos políticos e culturais para ela.

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do sul. Coordenador da Pós-Graduação Lato Sensu em Teoria e Metodologia do Ensino de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Membro do GT Ensino de História e Educação. Membro do Grupo de Pesquisa História, Cultura e Sociedade.

A partir desta problemática central, aparecem as categorias cidade e cultura, que se cruzam para pensar as muitas intervenções nos territórios urbanos, e a forma como são vivenciadas na experiência social e histórica dos seus moradores. Assim, é possível perceber como o fato de mudar, modificar lugares, pode interferir e criar práticas, transformar valores e sentimentos, atribuídos pelos seus sujeitos nas suas vivências e no modo como explicam e interpretam estas mudanças em suas vidas.

Para entender as relações sociais constituídas nesta cidade, partimos de um pedaço específico dela, o bairro Bom Jesus, sem ficar preso à história de um lugar, mas interpretando algumas memórias construídas sobre viveres neste território. A temporalidade das memórias lidas e construídas neste bairro levou-me para os anos 1960 e 1970, décadas de mudanças e transformação nos modos de viver a/na cidade. Elas foram interpretadas pelos moradores deste bairro e serão reinterpretadas por mim à luz de alguns supostos básicos.

“Uma cidade é feita de lugares e de pessoas” (PORTELLI, 2004, p. 09), esta afirmação de Alessandro Portelli dá uma dimensão das inquietações discutidas neste texto: trazer a cidade e a constituição dos seus espaços a partir dos significados de algumas histórias de moradores do bairro Bom Jesus. A cidade emerge, então, a partir destes enredos, mas em diálogo com outros sujeitos e trazendo as muitas experiências do viver urbano na pluralidade de suas forças.

Ao discutir a produção da memória sobre esse tempo de investimentos de grupos hegemônicos da cidade, Célia Rocha Calvo traz o ambiente das alianças políticas e articulações que possibilitaram a atração de grupos empresariais para Uberlândia com o investimento estatal como impulsionador:

Nesses tempos de silêncio, imposto aos que eram contra a política instituída, os empresários de Uberlândia viveram seus anos áureos de desenvolvimento. A intermediação política entre a cidade e o Estado foi estabelecida num clima de muito otimismo. Os quadros locais constituídos, antes, em torno da UDN e PSD, juntaram-se em torno da figura de Rondon Pacheco, que não apenas foi chefe da Casa Civil, mas responsável pela articulação dos projetos do governo, em nível nacional. Era presidente da Arena. (CALVO, 2001, p. 140)

Estes tempos de investimentos do capital privado e crescimento urbano foram também de constituição de alguns lugares de moradia para os trabalhadores. Na década de 1970, muitos moravam próximos aos trilhos da Mogiana, até então bairro constituído por trabalhadores e trabalhadoras que buscavam essa cidade na luta pela melhoria de suas vidas. Estes trabalhadores emergem na pesquisa não como simples munícipes, mas como sujeitos

sociais, um conceito que estabelece um complexo movimento dialético de lutas e conformações. Este conceito envolve falar também de uma multiplicidade de agentes. As reflexões colocadas na obra de Dea Ribeiro Fenelon contribuiu muito para este entendimento, sobretudo quando a autora trabalha a categoria cidade para além de um conceito pronto:

[...] a cidade nunca deve surgir apenas como um conceito urbanístico ou político, mas sempre encarada como o lugar da pluralidade e da diferença, e por isto representa e constitui muito mais que o simples espaço da manipulação do poder. E ainda mais importante, é valorizar a memória, que não está apenas nas lembranças das pessoas, mas tanto quanto no resultado e nas marcas que a história deixou ao longo do tempo em seus monumentos, ruas e avenidas ou nos seus espaços de convivência ou no que resta de planos e políticas oficiais sempre justificadas como o necessário caminho do progresso e da modernidade. (FENELON, 199, p. 07)

Esta crítica nos ajuda a não cairmos em algumas armadilhas que as leituras do social às vezes nos apresentam. No intuito de valorizarmos outras memórias na pauta de construção das histórias de uma cidade, corremos o risco de apenas invertemos a polaridade, isto é, criticarmos a força desigual que a memória hegemônica possui quando constrói uma interpretação única que elimina a diferença e a desigualdade, colocando para os seus executores uma exclusividade de ações, para outra também exclusiva de trabalhadores e moradores da cidade, eliminando o relacional, as tensões vivenciadas por estes grupos no cotidiano de suas ações.

Entender a pluralidade e a diferença significa entender que no fazer-se da cidade estão as trajetórias dos moradores, suas estratégias, alianças, rompimentos, e, além disso, significa perceber que são nessas ações que estes se fazem sujeitos em relação (e por vezes em disputa) com outros — prefeitos, vereadores, jornalistas — na luta pelo pertencimento à cidade.

Importante para incorporar esta polifonia sobre a cidade é a noção de política e cultura e a relação destas com história e memória. É um exercício de reconstituição do terreno da política, como propõe Yara Aun Khoury (2004, p. 119). Os sujeitos tradicionais das leituras marxistas – à associação, partidos ou que participaram dos atos públicos na rua – não deixaram de ter importância, mas outros devem ser incorporados para que possamos repensar o que significa “intervir” nos lugares.

Ao ampliar o diálogo com outros sujeitos é possível sair da posição de análise para uma posição de diálogo, “buscando construir uma reflexão compartilhada, em torno de

temáticas de estudo que são, em última instância, problemáticas sociais vividas” (KHOURY, 2004, p. 124). Este é o grande exercício: construir uma interpretação na qual a cidade é ressignificada na sua polifonia, reconhecendo e dialogando com as muitas memórias que nos apresentam na pesquisa, sem nos impor como únicos capazes de interpretar o vivido.

No que tange às reflexões sobre o conceito de memória, foi muito importante a experiência de trabalho no Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia. A vivência de pesquisa neste centro contribuiu para o meu olhar político sobre a cidade graças ao contato com coleções que guardavam determinados documentos sobre a Universidade Federal e sobre a cidade de Uberlândia².

Algumas das coleções do centro de documentação produziam uma memória da cidade de Uberlândia muito diferente daquela vivida nos bairros. Estas coleções passaram a despertar minha atenção em função destas imagens construídas sobre a cidade, muitas deslocadas da visão dos trabalhadores.

Um das coleções que me chamava a atenção foi intitulada “Uberlândia bens imóveis anos 80”, que registra em fotos vários lugares do centro da cidade. O interessante desse conjunto de fotos foi justamente os lugares escolhidos para mostrar a cidade ou registrar uma memória sobre ela em uma década específica. Isto porque as fotos do Uberlândia Clube³, da praça Tubal Vilela e das várias ruas do chamado centro comercial (Afonso Pena, Floriano Peixoto, Duque de Caxias, Olegário Maciel) foram tiradas sem as pessoas, talvez aos domingos.

Não conseguia identificar esta cidade sem os trabalhadores das praças, sem o movimento das calçadas, sem o trânsito contínuo de homens e mulheres que se utilizam deste espaço para fazer suas compras, pagar dívidas, procurar emprego, tirar documentos pessoais e trabalhar.

Ainda nestas interpretações que construíram algumas memórias sobre a constituição da cidade, encontrei um folder produzido no ano de 1988 pela historiadora Rosália Pires Gonzaga para comemorar o centenário da cidade e divulgar o acervo do Centro de Documentação nas escolas de 1º grau da região. Nesta versão, a cidade de Uberlândia é reconstituída da seguinte maneira:

² O Centro tem como método de guarda e organização a criação de coleções que podem ser nomeadas em função do doador ou de um tema específico. Nesta proposta, existem coleções como: Pró-memória UFU, Coleção Uberlândia, Olívia Calábria, entre outras.

³ Clube de festas localizado na Avenida Santos Dumont, centro da cidade, cujo uso está restrito aos grupos de maior poder econômico da cidade.

Há uns 100 anos atrás, no interior de Minas Gerais, ainda não existia a **cidade de Uberlândia**. Ela começou a se formar quando o **governador permitiu** a vinda das **famílias Pereira, Rezende e Carrijo** para a região. Logo, outras também vieram e formaram uma pequena vila, o chamado arraial de São Pedro de Uberabinha, que foi se tornando povoado e produtivo, pois aqui as famílias produziam alimentos para o seu consumo e até para vender.

No começo era bem pequeno, com poucas ruas, ainda de terra, algumas casas, uma igreja, uma escola e uma praça. O pequeno comércio que havia com as outras regiões — São Paulo, Rio de Janeiro e Goiás — era feito por tropas de burro em trilhas pelo mato.

Naquele tempo as pessoas que moravam em São Pedro de Uberabinha desejavam o **desenvolvimento** e o **progresso** material do arraial e foram aos poucos **construindo boas estradas, pontes** sobre os rios, e **até** a primeira **estrada de ferro** da Companhia Mogiana, que existe até hoje e que serviria para receber e transportar mercadorias de toda região.

Assim, desde o início, o **comércio** foi a marca do **desenvolvimento** e a **riqueza** da cidade, transformando-a no que é hoje um **importante entreposto** comercial do país, que abriga **importantes armazéns**, como o Martins, o grupo ABC e também a fábrica de cigarros Souza Cruz. Tornou-se então Uberlândia, que quer dizer “Terra Fértil”, “Terra de Progresso”. Hoje, **Uberlândia é uma cidade comercial e industrial** conhecida por todo o país e até no exterior.

Entretanto, apesar do **desenvolvimento alcançado**, Uberlândia tem hoje muitos problemas como desemprego, pobreza, violência, crianças abandonadas, enfim, **problemas que toda grande cidade possui**, mas que não devem ser esquecidos e nem escondidos pela administração local.⁴

Primeiro, ocorreu a vinda das famílias Pereira, Rezende e Carrijo à cidade destinada ao desenvolvimento e ao progresso, às estradas, pontes, rodovias e à estrada de ferro, o que dava a ela o título de importante entreposto comercial. Depois, veio o comércio, “os importantes armazéns”, a grande riqueza e, finalmente, “Uberlândia uma cidade comercial e industrial”. Estes são referenciais que compõem nas mais diversas circunstâncias a memória única apresentada como sendo a história, a qual fortalece uma versão hegemônica de uma cidade que não reconhece a ação de seus moradores. É justamente por isso que os trabalhadores não têm o direito de saírem nas fotos guardadas nos arquivos acima citados.

Este enredo versa sobre uma *história de Uberlândia* construída nos referenciais do mercado que buscava divulgar a cidade para investimentos e criar outras possibilidades de ganho e acúmulo de capital. Porém percebemos que ela chega a outros lugares sociais — neste caso, a Universidade Federal de Uberlândia — e é realimentada.

⁴ **Uberlândia uma história**. Texto de divulgação do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Universidade Federal de Uberlândia (grifo nosso).

Encontrar este documento, elaborado em um espaço acadêmico da Universidade Federal de Uberlândia, me levou a questionar a força que essa memória tinha para virar uma história ensinada. Nos anos 2002 e 2003, ao participar de um projeto no mesmo centro de documentação⁵, realizamos várias oficinas com professores da rede municipal de ensino e percebemos que a maioria tinha neste enredo a base do que ensinavam.

Algumas destas práticas de organização da memória trabalhadas acima dissimulam a luta de classe e a desigualdade vivida por muitos trabalhadores na cidade, silenciam alguns sujeitos e apagam memórias divergentes que possibilitariam construir outras histórias.

Entre estes acervos, me deparei também com o que fora organizado com o material da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus. O acervo traz uma série de documentos registrados pela associação (jornais, fotografias, correspondências, documentos da prefeitura, panfletos e atas de suas reuniões), o que me possibilitou ter uma interpretação de como alguns moradores do bairro, mais diretamente ligados a ela, pensavam suas estratégias para se colocarem frente ao poder público e aos grupos econômicos que disputavam os lugares do bairro.

E foi justamente a ação política registrada nos documentos da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus que me deu a escolha do tema e me levou à construção das primeiras entrevistas⁶. Num primeiro momento, esta documentação me apontava para uma intensa mobilização e “organização” de moradores na cidade de Uberlândia, que, unidos sob um determinado objetivo, questionavam o poder público, lutando por modificações no bairro em que viviam. Estas primeiras evidências me levaram às entrevistas. Wilma Ferreira de Jesus foi a primeira diretora da associação e responsável pelos primeiros registros em ata das reuniões, ela teve sua formação política ligada às comunidades eclesiais de base e depois militando no Partido dos Trabalhadores.

Dona Maria Aparecida Rosa também participou das reuniões no salão paroquial da Igreja, mas nunca dirigiu a associação. Sua entrevista foi muito significativa na construção de algumas interpretações sobre a relação da igreja com outras instituições que dialogavam com os moradores.

⁵ “Os sujeitos sociais e seus lugares: construindo uma História de Uberlândia”, sob a coordenação da professora doutora Maria de Fátima Ramos de Almeida e financiado pela Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis da UFU.

⁶ **Wilma Ferreira de Jesus**. Entrevista realizada em 20 de janeiro de 2003; **Maria Aparecida Rosa**. Entrevista realizada em 17 de março de 2003; **Iverso Rodrigues Miranda**. Entrevista realizada em 06 de junho de 2003.

O senhor Iverso Miranda também dirigiu a associação e, por não residir mais no bairro, trouxe outros significados tanto para o processo que vivenciou, como para o bairro hoje. O distanciamento entre estas entrevistas selecionadas e outras que utilizamos acompanha um pouco o movimento da lógica histórica neste trabalho, na medida em que são construídas a partir de questões que a prática de pesquisa e as evidências do social foram me colocando.

No momento em que ouvia estes moradores, a minha preocupação centrava na ideia de movimentos sociais e participação política, que aparece como uma das muitas formas de intervenção na construção dos espaços na cidade. Trabalhava aqui o conceito de cultura numa análise sobre como as pessoas se envolviam nestes movimentos populares e como tratavam as suas experiências no seu interior. A preocupação em torno dos sujeitos estava em entender como maneiras particulares de vida se interagiam no processo de luta (SILVA JR, 2003), o que dava a este conceito uma noção ainda muito próxima ao indivíduo.

Outro agente produtor de memórias que manuseei foi o jornal Correio de Uberlândia. O diretor proprietário deste veículo na década de oitenta, Sérgio Martinelli, mantinha uma coluna chamada “*mini news*”, através da qual pude perceber quem são os seus interlocutores, em sua maioria homens e mulheres que tinham lugar na Associação Comercial Industrial de Uberlândia, no Sindicato Rural, no Rotary Clube, no Lions Clube, na CTBC, na Fundação Maçônica, comandantes do 36º Batalhão de Infantaria Motorizada, além de sócios do Praia Clube e pessoas ligadas à TV Triângulo e à TV Paranaíba, nas quais o diretor apresentava um programa de entrevistas.

Em outro momento, a jornalista Gleide Corrêa constrói uma história para este veículo, que traz os grupos que detiveram o controle da palavra impressa em suas folhas:

O produtor rural **Osório José Junqueira** vindo de Ribeirão Preto começa, em 1938 a publicar o Jornal Correio de Uberlândia. No início a periodicidade era irregular, ocasionado pelas dificuldades inerentes à implantação do novo negócio. Junqueira já possuía outros veículos de comunicação inclusive o Correio do Oeste de Ribeirão Preto no estado de São Paulo. **Osório Junqueira** era dono de outros sete jornais e vinha em Uberlândia apenas duas vezes por semana. Quem tomava conta do jornal era seu filho, Luiz Néilson Junqueira. Na época da fundação Abelardo Teixeira era o redator-chefe. **José Osório** vendeu o jornal na década de 1940 para um grupo de cotistas ligados à UDN – União Democrática Nacional –, entre eles: João Naves de Ávila, Nicomedes Alves dos Santos e Alexandrino Garcia. Em 1952, assume a direção do periódico Valdir Melgaço Barbosa, vereador e depois deputado estadual pela UDN e, mais tarde, Arena – Aliança Renovadora Nacional. (...)

Neste período o jornal circulava de terça a sábado com 8 páginas e posteriormente com 12. As máquinas linotipo foram reformadas e uma clichéria nova foi adquirida. Finalmente em 1986 o grupo Algar, por meio da Sabe - Serviços de Informações, assumiu o controle acionário do jornal e o mantém até os dias atuais (2003) (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 2006)

Muitos destes nomes estão na memória hegemônica da cidade, nos monumentos oficiais, em ruas e avenidas reformadas na concepção dos grupos dirigentes da cidade. Estas alianças, que em um primeiro momento se deram entre sujeitos ligados à União Democrática Nacional para construir um meio de disputar a cidade com outros grupos, ganham outros contornos **a partir da compra pelo grupo empresarial Algar**, hoje um dos maiores grupos de comunicação da cidade⁷. Através das linhas editoriais e da forma como foi sendo construído seu noticiário, o grupo demonstrava seus pactos com políticos da cidade, governadores e deputados que afinavam com seus projetos.

Os pactos construídos entre estes grupos tiveram um papel muito importante na materialização de uma forma de conceber a cidade e, posteriormente, na produção social e divulgação dessa perspectiva. Ele transmitia uma imagem que, além de homogênea, buscava se sedimentar em adjetivos como “cidade sem crises, metrópole do cerrado ou cidade jardim”. Na tentativa de cumprir este papel, o veículo não só buscava transformar em verdade absoluta aquilo que noticiava, como também tentava excluir trabalhadores que não se encaixavam no perfil que construíam em conjunto com os membros das instituições acima citadas.

Partindo da análise da composição social do jornal e dos grupos para quem este falava em muitos momentos, além das leituras e dos debates promovidos na universidade, entendi que as imagens construídas sobre a cidade nestes veículos não eram versões exclusivas de uma cultura letrada – na figura dos seus editores e jornalistas –, mas sim de uma luta constante destas diferentes memórias produzidas por construir outras histórias.

Mais do que construir alguns significados para a cidade e para alguns grupos de moradores dela, o jornal Correio de Uberlândia tentou (e ainda se mantém nessa tarefa) fazer de sua versão a de todos. O contato com o jornal é importante para perceber as suas estratégias para compor suas memórias sobre a cidade e as formas utilizadas para instituir estas memórias como história. Não queremos aqui, contrapor memórias como se estas fossem

⁷ Possuem uma empresa de telefonia CTBC (Companhia Telefônica Brasil Central) que opera linhas fixas e celulares, possuem empresas de propaganda (ABC propaganda), atual também na área de informática, sendo proprietárias de um provedor, além de alianças com empresas de televisão e rádio na cidade.

produzidas de forma isolada. Como produtor de uma memória e detentor de meios de perpetuação pelo domínio de alguns meios, o jornal se torna um veículo para entendermos formas de dominação e consolidação de memórias hegemônicas, bem como da construção de outras que tensionam, que colocam valores em disputa e põem vida na cidade.

Laura Antunes Maciel produz uma leitura importante para pensarmos procedimentos que nos ajudam a entender esse movimento vivo do social quando nos chama a atenção para a importância de se pensar a imprensa e a memória não como espaços pré-fixados, mas como lugares sociais de disputas:

O ponto central de nossas reflexões passa por uma atenção às disputas e lutas que marcam a produção social da memória, considerando a imprensa um dos lugares privilegiados para a construção de sentidos para o presente e uma das práticas de memorização do acontecer social. (MACIEL, 2004, p. 15)

Este jornal e os seus profissionais estiveram ao lado dos grupos econômicos dominantes da cidade. Os sentidos produzidos por este meio estiveram em sintonia com sujeitos determinados,

Confiança que o povo vai reconhecer a **magnífica administração** Virgílio Galassi e que Uberlândia, mais uma vez, vai dar mostras de que o partido da situação deverá ser majoritário no pleito deste ano, o PDS local acredita numa vitória maiúscula de seus candidatos, pois, pelos **bons serviços prestados até aqui**, pelos políticos que estão integrando a sigla do governo, é de se crer que **a oposição mais uma vez vai soprar**, mas não o vento do deserto, devendo ser, diante dos eleitores esclarecidos, **uma pequena brisa na embarcação vitoriosa do Partido Democrático Social**. A situação está confiante e tem certeza de que não haverá decepção, uma vez que **colocar a oposição no poder, será abrir uma lacuna na vida administrativa da cidade** e por em dúvida, a seqüência da intocável e expressiva administração Virgílio Galassi. (CORREIO DE UBERLÂNDIA, 1982, p. 01 grifos meus)

As alianças expressas neste editorial do início dos anos 1980 mostram os pactos construídos e a tentativa de fazer destes grupos a opção de todos. Há uma diferença quando este jornal fala para o seu grupo privilegiado e quando imagina estar falando para a população de forma geral. Essa diferença é sentida no uso da linguagem. A linguagem não é uma simples organização de palavras para traduzir um enunciado⁸. Na perspectiva que trabalhamos, ela é pensada “enquanto espaço de disputas, de tensões sociais, e como prática

⁸ Uma importante discussão sobre a função política da linguagem encontramos em: WILLIAMS, Raymond. “Introdução”. In.: **Cultura e sociedade, 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969, p. 15-21.

concreta que realiza tarefas de dominação e de poder, ainda que apareça como um dado natural e neutro da vida social” (MACIEL, 2001, p. 129).

Nesse sentido, percebemos a tentativa de se colocarem do mesmo lado desse abstrato povo. Imprensa e povo constituem a “turma de cá”. Os que reclamam e falam mal do governo constituem a “turma de lá”. Outro dado importante desta notícia são os termos usados para dar significado aos grupos que estão tentando compor: “patriotismo, trabalho e nação”, valores universais que, trabalhados pelo jornalista, passam a compor o elo que liga a opinião pública aos grupos específicos parceiros do jornal na futura candidatura do PDS.

Por outro lado, o contato com demais fontes, como a da Associação de Moradores do bairro Bom Jesus e a do Centro de Memória Popular, me trazia outros registros que colocavam a presença e as reivindicações de outros sujeitos. No caso específico do bairro Bom Jesus, moradores que tinham olhares divergentes e que lutavam para questionar os projetos de reformas nos lugares do bairro, neste processo, respondiam e tencionavam as versões que lhes taxavam como pedaços podres da cidade.

Foi muito interessante olhar a documentação da associação e ver que ali os responsáveis pela seleção do material recortaram e “guardaram” várias reportagens desse veículo e de outros⁹. A forma como selecionaram os registros da imprensa mostrou-nos como o processo é complexo e como as lutas do social ganham contornos interessantes. Os registros da imprensa que em um dado momento poderiam ser expressões de projetos hegemônicos serviram também de recorte para dar suporte às reivindicações e de material de divulgação para o grupo que estava à frente da associação. Estes outros usos das matérias dos jornais vinculados aos sentidos dos sujeitos demonstraram a complexidade das disputas do social. Produções que, ao irem para o papel, têm uma intenção e foram apropriadas por outros grupos e utilizadas como *meio* de reivindicar e lutar.

Essa documentação da associação de moradores e, posteriormente, da imprensa apontava para a década de 1980 como um momento de tensões, vindo de vários setores da população. Isso ocorreu num embate direto com o projeto hegemônico posto em prática na

⁹ Entre estas: **Zaire recebe documentos pela retirada dos trilhos e terminais de petróleo**, Correio de Uberlândia, 27 de setembro de 1984; **Zaire recebe documento com 8.293 assinaturas**, Primeira Hora, 27 de setembro de 1984; **Atlântic será a primeira a deixar o centro da cidade**, Primeira Hora, 05 de outubro de 1984; **CNP autoriza transferência de companhias e trilhos poderão ser arrancados**, O Triângulo, 12 de fevereiro de 1985; **Trilhos da Monsenhor Eduardo serão desativados brevemente**, Correio de Uberlândia, 18 de junho de 1986.

cidade, que atentava para diversas mudanças nas áreas centrais para benefício de uma parcela pequena da população em nome de um desenvolvimento particularizado.

A partir destas primeiras evidências foram construídos alguns marcos. A década de 1980 aparecia como um momento atípico¹⁰ nas discussões sobre os projetos para a cidade de Uberlândia. As evidências apontavam para um tempo de maior intervenção dos moradores na constituição das políticas urbanas¹¹.

A mobilização que me chamou a atenção para este bairro foi promovida pelos moradores para que fossem retirados os terminais de combustíveis das empresas Atlantic, Esso e Texaco e os trilhos de ferro da Ferrovia Paulista S/A. Essa mobilização teve início em 1983 com a criação da Comissão de Moradores, que ganhou força e trabalhou durante os anos 1984 e 1985, organizando atos públicos, abaixo-assinados, visitas à Câmara, reuniões com empresários e o prefeito, a fim de que fosse firmado um compromisso para as devidas retiradas.

Todo esse processo vai levar à reconfiguração física do bairro, com a retirada dos trilhos, e à reurbanização da sua avenida central, a Monsenhor Eduardo. A partir deste roteiro inicial, passei a procurar os moradores para ouvi-los.

A questão central do diálogo era entender como os moradores interpretavam o conjunto de reformas promovidas pelo poder público no bairro. Encontrei, nas narrativas, outros referenciais de mudança no viver urbano. A maioria destas entrevistas apontava para uma cidade vivenciada nos anos 1960 e 1970 e para aquela percebida hoje, evidentemente que no movimento do presente para o passado, mas o que aparecia de novidade era o “tempo da mogiana”. Para uns, a cidade da Mogiana; para outros, a cidade da tranquilidade, dos passeios noturnos, das músicas nos bares, do cinema, da segurança construída na confiabilidade, do tempo em que se sentavam à porta para conversar. Portanto, o sentido das transformações era outro.

¹⁰ Para E. P. Thompson, “geralmente, um modo de descobrir normas surdas é examinar um episódio ou uma situação atípicos. Um motim ilumina as normas dos anos de tranquilidade, e uma repentina quebra de deferência nos permite entender melhor os hábitos de consideração que foram quebrados”. Cf. THOMPSON, E. P. *Folclore, antropologia e história social*. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 238.

¹¹ Podemos perceber essa intervenção na quantidade de atos públicos promovidos em alguns bairros da cidade e mesmo na quantidade de abaixo-assinados recebidos pelo prefeito através da Câmara Municipal. Entre esses atos estão a mobilização dos moradores do bairro Bom Jesus pela retirada dos trilhos de ferro; a mobilização dos moradores do bairro Tibery pela retirada das máquinas beneficiadoras de arroz; a mobilização no bairro Alvorada; e a discussão de emendas populares para a Assembléia Constituinte.

A estação da Mogiana foi derrubada em 1970. Esta estação aparece como marco em muitas narrativas ouvidas neste trabalho, acredito que, como coloca Célia Rocha Calvo, “puseram no chão muito mais do que um amontoado de cimento e pedra, mas uma cidade” (CALVO, 2001, p. 212), que aparece nestes enredos em valores que ainda estão sendo colocados em disputa.

O primeiro passo na compreensão destas narrativas foi entender as “funções do tempo na história oral” (PORTELLI, 2004). Com a leitura do texto de Portelli, entendemos melhor o trabalho da memória, primeiro ao perceber que o “momento da vida em que a estória é contada é um fator crucial na sua moldagem” (Ibidem, p. 298) e, segundo, ao ler estes enredos e ter o presente como referencial nos sentidos atribuídos ao passado naquilo que Portelli chama de “*movimento de lançadeira*”.

O caminho destas histórias estava em temas que davam sentidos em suas vidas. O ir e vir no tempo tem como função relacionar as experiências que ajudam na construção destes sentidos. Estes enredos me fizeram repensar alguns supostos e tentar romper com uma perspectiva positivista, cronológica e objetiva, além de questionar o sentido das mudanças nos modos de viver no bairro Bom Jesus e na cidade de Uberlândia.

Nesse contexto, as fontes orais deram importantes contribuições nas interpretações aqui construídas. Não que estas tenham a função de confirmação do que a escrita nos diz ou mesmo o contrário, da negação, mas pela importância de sua utilização na sua origem — “as fontes orais dão-nos informações sobre o povo iletrado ou grupos sociais cuja história escrita é ou falha ou distorcida” (PORTELLI, 1997, p. 26) —, e no seu conteúdo — “a vida diária e a cultura material dessas pessoas e grupos” (Ibidem, p. 27).

A seleção dos moradores foi construída para que fosse possível entender a forma como vivenciaram as reformas urbanas e que significados davam a elas na sua experiência. Nesta perspectiva, entrevistei também pessoas que não moram mais na região. Não fiz esta opção numa busca pelo distanciamento, mas sim para entender outros sentidos dados às mudanças sofridas neste *lugar* específico e, ainda, para compreender de que maneira essas diferentes lembranças compõem outros sentidos e significados para os espaços transformados.

Quando entrevistei estes moradores e li o enredo construído nas narrativas, entendi que no diálogo que construíram comigo estavam também as versões oficializadas da memória. Versões estas que estão postas nos referenciais do poder, no noticiário da imprensa, na edificação das grandes obras e na constituição do patrimônio como memória. Essa leitura foi

importante para perceber que não existe uma memória *pura*, mas sim elaborações trazidas das relações construídas nos vários momentos e significadas por estes entrevistados no encontro com o historiador.

Nesse sentido, quando construímos uma problemática sobre a cidade, nos debruçamos sobre as fontes e construímos nossa interpretação adotando uma perspectiva de pensar um texto que dialogue com muitas memórias. Ao trazermos, principalmente, aquelas enterradas pela memória hegemônica, acabamos por participar de uma “produção social da memória” (GRUPO DE MEMÓRIA POPULAR, 2004). Entendemos que esta produção não é linear e nem global, pelo contrário, é fruto de muitas disputas justamente por compor uma das muitas esferas do social. Esta participação não se dá apenas como lembrança de fatos, mas também como construção de significados para o que estamos vivendo, com as leituras do social que os entrevistados fizeram naquele momento e o que projetavam para o futuro.

Nesse sentido, interpretei as mudanças vividas na cidade de Uberlândia buscando as memórias dos moradores do bairro Bom Jesus e compreendendo como eles compõem os sentidos de suas experiências, ora disputando, ora construindo pactos com outros sujeitos dos processos vivenciados. Nesse caminho, compreendi “os espaços desta cidade na expressão das temporalidades de memórias compostas como lembranças sobre as relações vividas e como estas representam as marcas desses significados, deixados como projeções e mudanças no seu jeito de viver e disputar a cidade”. (CALVO, 2001, P. 10)

No trabalho com documentos de natureza e lugar social muito diferentes, busquei, na inspiração da reflexão de Yara Aun Houry, “um olhar que demande maior atenção e sensibilidade às múltiplas forças que atuam no fazer-se diário da história, às múltiplas expressões e linguagens por meio das quais ela se forja e, acima de tudo, à questão do sujeito na história” (KHOURY, 2004, P, 122). Não se trata do fato de se ter fontes de diferentes agentes produtores, mas sim da concepção de história que coloquei em movimento nesta interpretação. Trata-se de uma concepção de pensar um texto no qual estabelecemos um diálogo com os sujeitos e “sempre dentro da perspectiva de construir um conhecimento histórico que incorpore toda experiência humana e no qual todos possam se reconhecer como sujeitos sociais” (Ibidem, p. 128).

Trabalhar nesta concepção não significa uma história de todos ou uma história para todos, porque fazemos a leitura desta diversidade para, juntamente com os sujeitos aqui escolhidos, disputar estas histórias hegemônicas sobre Uberlândia, saber como são produzidas

determinadas memórias e como elas se instituem como história, no singular. Busco também entender estas fontes como produto de linguagens culturais que revelam a cidade nas suas complexas teias de relações sociais. Na luta pelo direito à cidade, os moradores do bairro Bom Jesus criam instrumentos não só de assimilação como também de resistência e ressignificação do hegemônico. É na busca por entender estas batalhas e a complexa rede de produção de sentidos sobre o viver na cidade que a diferença ganha relevância.

A minha perspectiva foi colocar a cidade em movimento nestas muitas histórias construídas na experiência social, partindo de uma versão que parece simples, mas que ainda se reproduz nas disputas políticas na cidade.

Portanto, as interpretações dos moradores me ajudaram a construir esse diálogo com outras interpretações, com a memória oficializada pelo poder e com os trabalhos construídos no debate acadêmico. A partir destes enredos, problematizo a construção destas imagens sobre a cidade na perspectiva de seus moradores: uma cidade recomposta nas suas memórias e narrada em encontros do pesquisador com moradores do bairro Bom Jesus, ocorridos em 2003, 2004 e 2005.

Acredito que o movimento apresentado nas narrativas conta com essa batalha não como resistência pura, mas como ressignificação dos valores e construção de outros num constante movimento dialético de construção/resistência da hegemonia. Ao discutir o partidário na arte, Beatriz Sarlo nos coloca a importância do debate que travamos na sociedade, apresentando análises e perspectivas que apontam para um olhar que busque “a ruptura e a vontade de projeção” e, assim, deixamos claro os compromissos e os pactos assumidos na reflexão. Estes são temas caros para nesta pesquisa, temas que compõem um esforço coletivo para trazer à tona memórias silenciadas nestas construções hegemônicas e para entender a cidade como espaço da diferença.

REFERÊNCIAS

BERTOLUCCI JR, Luiz. Uberlândia: **O impacto das trocas migratórias com as demais microrregiões de Minas Gerais sobre o tamanho da população residente**. Anais do V Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes e V Mostra de Artes das Universidades Federais de Minas Gerais. Ouro Preto, agosto de 2001.

FENELON, Déa Ribeiro, et al (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olhos d'água, 2004.

FREITAS, Sheille Soares de. **Buscando a cidade e construindo viveres – relações entre campo e cidade**. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

GRUPO DE MEMÓRIA POPULAR. Memória popular: teoria, política, método. In: FENELON, Déa Ribeiro, et al (orgs.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olhos d'água, 2004.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora com especiais referências a publicações e divertimentos**. Portugal: Editorial Presença, 1973.

LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. In **Revista Brasileira de História**, nº 06, pp. 07-46, set.1983.

MORAIS, Sérgio Paulo. **Empobrecimento e 'inclusão social': vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980-2004)**. Tese (Doutorado em História Social). Programa de estudos pós-graduados em História, Pontifca Universidade Católica, São Paulo, 2007.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: **Tempo**. Rio de Janeiro, v. 1. n. 2. p. 59–72, 1996.

THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa II**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade - na história e na literatura**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.